

Resenha

DIALOGANDO COM GHEDIN E FRANCO, SOBRE QUESTÕES DE MÉTODO NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Ana Cláudia Lima de Assis¹

Isabel Maria Sabino de Farias²

Elisângela André da Silva Costa³

A obra *Questões de método na construção da pesquisa em Educação*, publicada pela Cortez Editora, compõe a Coleção *Docência em Formação* e encontra-se na segunda edição. Os seis capítulos que o estruturam estão distribuídos em 254 páginas e se destinam a subsidiar a formação e a prática de professores pesquisadores. A legitimidade do conteúdo deste livro, escrito por Evandro Ghedin e Maria Amélia Santoro Franco, afirma-se pelo reconhecimento de ambos como referências na área da educação, em decorrência dos contributos de seu trabalho como docentes e como pesquisadores.

Evandro Luiz Ghedin é professor da Universidade Federal do Amazonas, Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo – USP, pós-doutoramento em Didática, pela Faculdade de Educação da USP. Maria Amélia Santoro Franco é professora da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), Doutora em Educação pela USP, pós-doutorado em Pedagogia e Prática Docente pela Universidade de Paris VIII (UP-VIII) e Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ambos possuem publicações voltadas à área da Epistemologia da Pesquisa em Educação, Pesquisa-Ação, Práticas Pedagógicas, Formação de Professores e Pedagogia Crítica.

Na obra em pauta, os autores têm como propósito promover uma reflexão sobre a pesquisa em educação, considerando as especificidades desta área, compreendidas como requisito necessário à prática investigativa.

1. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UECE. Professora da Educação Básica da Secretaria da Educação. (SEDUC).

2. Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará – UECE, vinculada ao Centro de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do grupo de pesquisa Educação, Cultura Escolar e Sociedade – EDUCAS/CNPq. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.

3. Professora do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, Redenção – Ceará. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGE/UECE.

No primeiro capítulo, os autores reiteram a complexidade do ato educativo, compreendendo-o como "prática social histórica" e inconclusa, que se modifica conforme o contexto, sendo transformada pela ação humana e transformando quem dela participa. Assim, colocam em xeque os critérios de cientificidade da pesquisa tradicional, herança da ciência moderna de orientação positivista, que postula a neutralidade da ciência e recorre a métodos pautados na certeza e na objetividade, não alcançando a complexidade e o contraditório, que caracterizam os fenômenos educativos. Com base nessa crítica, a ciência, de modo geral, e a pesquisa em educação, de modo específico, vivenciaram avanços, incorporando procedimentos de ordem qualitativa que abrem espaço para a valorização dos professores como sujeitos dos processos reflexivos, das estratégias investigativas e formativas que carregam consigo um caráter formativo-emancipatório.

No segundo capítulo, encontramos uma reflexão sobre a construção do olhar do pesquisador, que envolve a superação do olhar mecânico que aceita passivamente as coisas. Há a defesa do olhar pensante que exige atitude diante do mundo e dos fatos como constructos sociais e culturais, refutando a neutralidade científica. Há a defesa de que os significados são construídos no processo de aprender a olhar para ver, pensar, compreender e interpretar a realidade. Na sequência, é articulado um debate em que se evidencia uma ampliação da hermenêutica, a partir do conceito de método, por sua visão totalizante, cujo caráter especulativo favorece três procedimentos investigativos: história conceitual das ideias, a tradição epistemológica, também chamada de contexto da descoberta e da justificação, e o caminho da especulação, tendo uma característica peculiar que demonstra como a hermenêutica trabalha com o método.

No terceiro capítulo, a reflexão surge como fundamento do processo investigativo. Os autores discorrem sobre a dinâmica do fenômeno educativo e sua complexa configuração, ressaltando a necessidade dos pesquisadores assumirem atitudes metodológicas que ajudem a interagir com a realidade que pretendem investigar, compreender e transformar. Ressaltam a relevância da reflexividade, retomam o debate sobre o olhar reflexivo, numa direção interpretativa, proporcionando a transformação da sociedade e a emancipação dos sujeitos. Destaca-se a discussão sobre as metodologias de pesquisa em educação e a coerência epistemológica, com evidente crítica à concepção instrumental de metodologia, onde o método é visto como acessório da pesquisa, e a defesa da perspectiva reflexiva, em que a metodologia confere organicidade e cientificidade às investigações. A historicidade do processo de transformação das pesquisas é articulada através de três modelos teóricos: o objetivista, cuja relação se estabelece a partir do objeto; o subjetivista, cuja supremacia se concentra no sujeito; o dialético, que incorpora o caráter sócio histórico e dialético da realidade social, compreendendo o estudo em movimento e o ser humano como sujeito de mudanças. Apresentam ponderações sobre a coerência epistemológica, que compreende a pesquisa como extensão da vida do pesquisador, e o conhecimento como fusão de sujeito e objeto.

O quarto capítulo da obra oferece contributos epistemológicos e metodológicos para as pesquisas de natureza reflexiva, favorecendo a análise da relação entre conhecimento e política, refletindo de que forma essa relação interfere nos procedimentos metodológicos das pesquisas em educação. Os autores apontam para a necessidade de se recuperar o papel da crítica e do intelectual como seu agente, para suscitar contestação ao sistema vigente, a partir de uma leitura da realidade fundamentada cientificamente, discutida e proposta coletivamente, ressaltando a importância de que o trabalho da formação docente tem como pontos de partida e de chegada a intelectualidade crítica e reflexividade política. Destaca-se a reflexão sobre o ato de conhecer, trazendo a convicção de que a aprendizagem é um processo que ocorre ao longo da vida, transformando o sujeito na medida em que o mesmo mergulha no processo de produção do conhecimento.

No quinto capítulo da obra, os autores apresentam a Etnografia como paradigma de construção de conhecimento em educação, ressaltando uma aproximação entre identidade epistemológica, hermenêutica e etnografia. O processo de pesquisa etnográfico presume uma percepção das informações do pesquisador sobre o mundo do outro sujeito a partir

de sua visão de mundo e o modo de pensar de sua cultura sob um olhar interpretativo. Ressaltam a pesquisa de campo baseada em técnicas da observação participante como especificidade da abordagem etnográfica. Através dessas estratégias, os pesquisadores buscam compreender, com a participação dos sujeitos, um determinado fenômeno, eleito como objeto de investigação. Na pesquisa educacional, essa abordagem data da década de 1970 e proporcionou pensar o ensino e a aprendizagem a partir de um contexto cultural que supera o contexto restrito da sala de aula.

A pedagogia da pesquisa-ação é abordada no último capítulo da obra, a partir de outra publicação de Franco (2005). Os autores ressaltam a existência no Brasil de três conceitos de pesquisa-ação: a pesquisa-ação colaborativa, cuja função do pesquisador é de integrar e conferir cientificidade ao processo de mudança, já iniciado pelos sujeitos do grupo; pesquisa-ação crítica, que rejeita as noções positivistas de racionalidade, objetividade e verdade e pauta-se na construção cognitiva da experiência, a partir do trabalho do pesquisador com o grupo, proporcionando reflexão crítica coletiva, com vistas à transformação do mundo e emancipação dos sujeitos; e a pesquisa-ação estratégica, que tem como característica a transformação a ser planejada, acompanhada e avaliada apenas pelo pesquisador. Ghedin e Franco (2011) sinalizam que a pesquisa-ação pressupõe uma agregação dialética entre sujeito e sua existência, fatos e valores, pesquisador e pesquisado, e entre pensamento e ação, chamando atenção para três dimensões: a ontológica, que trata da natureza do objeto pesquisado; a epistemológica, que busca a relação entre sujeito e objeto e a metodológica, que envolve os procedimentos que irão articular a dimensão ontológica e epistemológica da pesquisa.

Esta obra constitui-se como relevante para os que se dedicam à pesquisa educacional, tendo em vista os contributos que trazem para a ampliação da compreensão das relações que se estabelecem entre as perspectivas investigativas e formativas e entre as perspectivas crítica e emancipatória do processo de construção do conhecimento.